



Para pensar o meio ambiente como uma questão de gênero

To think about the environment as a gender issue

PULEO, Alicia H et al. *Ecologia y Genero en dialogo interdisciplinar*. Valladolid: Plaza y Valdez, 2015.

Eutalita Bezerra da Silva¹

Mãe natureza ou Mãe Terra. Em apenas duas palavras é possível recobrar sobre como sociedades, dentre as quais a nossa, fazem relações estreitas entre o feminino e o ambiente. Não somente ao colocar mulheres e natureza no mesmo patamar, estes povos também constituíram hierarquias relacionadas aos sexos que lhes são basilares. Desde muito tempo, aquilo que estava ligado ao feminino foi considerado inferior. Tal visão tornou-se hegemônica, numa desatenção ao fato de que o próprio desenvolvimento da vida humana, como a reprodução da mão de obra, giram pela força de trabalho feminina.

Construído a partir de esforços de pesquisa do grupo de investigação que coordena, a filósofa, professora e escritora ecofeminista espanhola Alicia H. Puleo organizou a obra *Ecologia y Genero en dialogo interdisciplinar* (2015). O projeto que deu origem ao livro teve como objetivos, conforme a autora, analisar criticamente aspectos sexistas e androcêntricos do pensamento e cultura incompatíveis com uma ética ecológica contemporânea; contrastar elementos analisados com produções culturais alternativas e boas práticas socioambientais orientadas para a sustentabilidade, em especial as provenientes das mulheres, buscando visibilizá-las como sujeitos de mudanças; integrar a dimensão intercultural na busca de soluções aos desafios ecológicos e sociais do presente e futuro próximo, atendendo às visões de mundo dos povos originários e, por fim, avançar até um marco teórico gerador de práticas orientadas a igualdade real entre mulheres e homens, o desenvolvimento humano, a educação em valores, a sustentabilidade ambiental e o respeito à natureza não humana. Para tanto, além de reunir trabalhos de seu grupo, Puleo ainda convidou outros pesquisadores interessados nas intersecções entre ambiente e gênero. Esta empreitada transformou-se num longo livro, setorizado em três sessões, quais sejam: *Corpos*, *Territórios* e *Resistências*.

A primeira parte está conectada às relações de domínio e exploração do corpo feminino em detrimento do masculino. *Corpos*, que reúne de profissionais da saúde a teólogos, inicia-se com um estudo médico, segundo o qual o desequilíbrio ambiental atinge de maneira mais forte as mulheres, por sua maior exposição aos agentes tóxicos decorrente da divisão social do trabalho. Este corpo feminino, que é exposto às intempéries, ganha novos contornos com o texto seguinte, proveniente de autores da Psicologia e Psicanálise. Conforme os escritores, tratado ao longo dos anos pelo sistema sexo-gênero como um masculino castrado, de maneira real, simbólica ou imaginária, buscando naturalizar o androcentrismo, o corpo feminino ainda hoje é tido como aquele a que falta algo.

A incompletude da fêmea, que não pode ser preenchida, leva o feminino a identificar-se, por exemplo, com os animais, os quais sofrem violência, são considerados impotentes e tratados como objetos. O texto seguinte se vale, então, das relações entre mulheres, animais e moda para discutir como, sendo o feminino mais empático com os animais que o seu oposto, as mulheres ainda consomem produtos cosméticos e roupas derivadas do sofrimento de seus semelhantes.

Como são explorados os corpos dos não-humanos, que são também os das mulheres, como

¹ Mestra e doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



aponta estudo sobre os corpos na sociedade da Informação. Nos *mass media*, por exemplo, estas são fragmentadas para atrair o consumo por meio de representações que se inscrevem nos corpos, definindo como estes devem ser, além de moldar os desejos de quem os busca. E como são consumidos são também descartados. Ao procurar imagens de gorilas, uma pesquisadora deu-se conta de que apenas os machos eram representados. Nas poucas aparições femininas, a maternidade era explorada como constitutiva da fêmea. Assim, o texto refere-se à busca da pesquisadora por retratar as gorilas, dando visibilidade aos seus corpos *per se*.

E em se tratando de invisibilidade, o texto seguinte aponta a pouca produção bibliográfica conhecida de mulheres filósofas nos séculos passados, decorrentes de uma série de questões históricas e debruça-se sobre a produção de Anne Finch Conway como exemplo de mulher excepcional à sua época. Por fim, *Corpos* é encerrada colocando as religiões como bastião do patriarcado. Nestas, ainda que se saiba que são as mulheres as mais fiéis aos ensinamentos religiosos, seu corpo ainda é tratado como pecaminoso e suas demandas são negadas pelas religiões.

A segunda parte da obra, dedicada aos *Territórios*, é primordialmente constituída por filósofos, que observam desde diversos viéses a interlocução entre meio ambiente, até de maneira topográfica, mas não somente, e gênero. O primeiro texto, assentado nas bases da Biopolítica, aponta que as mulheres têm menos informação sobre questões ambientais que os homens. Elas também recebem mais informações por meios informais, estão mais atentas às instâncias locais que ao macro e opinam menos sobre o assunto. Apesar disso, são as que mais agem em prol da sustentabilidade. Teorias como a da ética do cuidado e da aversão aos riscos ajudam a explicar as contradições presentes nessa situação sem, com isso, requerer virtuosidade do feminino, mas apontando a atitude como resultado de sua exploração.

O cuidado é tema do texto seguinte, que discute o significado da expressão perante animais não humanos e natureza, defendendo a necessidade de algo ainda mais profundo, que requeira mais que mobilização ou vontade individual e que esteja além de suas limitações. A responsabilidade compartilhada, que estaria ligada às políticas públicas, aparece como possibilidade para o mundo atual. O próximo escrito, ligado à Bioética, analisa obras literárias distópicas, sendo duas produzidas por homens e duas por mulheres, desde uma mirada ecofeminista crítica. Buscando entender como os distintos gêneros construíram esses mundos possíveis, apontam preponderância de discurso androcêntrico e antropocêntrico no trabalho masculino, ante uma tentativa de quebra do padrão de domínio patriarcal no feminino.

Ainda no terreno do possível, em *Territórios* ainda se discute o discurso utópico feminista que se bifurca tendo, de um lado, a necessidade de ruptura com os padrões patriarcais e, de outro, a busca pela recuperação do sentido de pluralidade da existência. Nisto residiria uma relação humanista com o meio ambiente, na qual a natureza não seria dada como intocável, mas estaria em conexão com a intervenção humana. A subordinação da Natureza perante a humanidade na Patagonia Argentina, marco da colonialidade, também é tema de discussão. Apontando a construção de uma hierarquia que coloca a Patagonia como recurso/vazio, o texto reflete desde a construção do espaço como território e este como objeto a ser explorado. Esse olhar para o lugar onde se vive é presente no escrito seguinte, que convida o leitor a enxergar a cidade como detentora de marcas do sistema sexo-gênero. Nesta, o indivíduo-cidade está muito próximo do indivíduo-masculino e este está desconectado da natureza, seguindo lógicas de mercado e mercantilizando espaços como se fossem infinitos.

Com uma breve saída das produções da Filosofia, a História da Arte fecha o segundo bloco de textos. Este segue no par mulher-natureza para discutir as representações da mulher-animal. A autora discorre sobre a conexão criada na arte entre o feminino e a aranha e os mitos que relacionam este animal ao comportamento feminino. São apresentadas, por exemplo, obras que retratam a mulher como construtora de teias, nas mais diversas acepções da palavra.

Por fim, Alicia H. Puleo reuniu textos na sessão *Resistências* que mostram caminhos já percorridos e possibilidades de superação das assimetrias de gênero em relação ao ambiente, com



foco especial no ecofeminismo, perspectiva a que o grupo se filia. O primeiro texto traz a experiência de uma mulher indígena, contada a partir de entrevista, que se colocou perante o seu povo como sujeito, exigindo igualdade de direitos e deveres. A filosofia nosocêntrica, à qual se filia, é tomada como um caminho para resistir. Do mesmo modo, a participação de mulheres em movimentos de lutas sociais rurais no Brasil é explorado em estudo que busca reconstruir como se constituiu essa presença ao longo dos anos e o que requerem estas mulheres.

Ainda em *Resistências*, a literatura Yourcenariana é analisada a partir da ecocrítica e ecopoética e demonstra um compromisso pioneiro com a ecoética, apontando os perigos a que está exposto o planeta. A ecocrítica e o ecofeminismo enquanto um diálogo entre a filosofia e a crítica literária aparecem no texto seguinte, que traz exemplos literários de autores empáticos à questão ambiental e que permitem aos seus leitores desenvolver uma conexão com os animais não humanos, reconhecendo seu estatuto de sujeito. O escrito que se segue apresenta possibilidades de construção de novas subjetividades (ou contra-subjetividades) alternativas às já cristalizadas no seio da sociedade, articulando discursos que possam servir de referencia para os dias atuais.

As produções cinematográficas que representam a mulher como sujeito ativo na defesa de valores importantes, atentas à natureza, que se relacionam com os demais animais são tema do artigo seguinte. E se para muitos não há alternativas para o momento em que vivemos, os trabalhos reunidos por Puleo permitem entrever saídas. Num esforço por afastar-se da ideia *TINA* (*There is no alternative*), a obra traz um texto focado no imaginário do dom, uma matriz psicossocial capaz de converter aquele pessimismo em positividade, na qual outra cosmovisão seja possível e dando outro sentido à vida. Após um escrito consistente sobre a tradição ecofeminista materialista proposta por Mary Mellor, Alicia H. Puleo retoma as rédeas da obra que já soma quase 400 páginas para apresentar cinco obstáculos a serem superados pelos novos paradigmas ecológicos.

Ecologia y Genero en dialogo interdisciplinar, percebe-se, é um apanhado memorável de assuntos que passam ao largo das discussões de meio ambiente e de gênero, em separado, por serem naturalizados dentro de uma sociedade androcêntrica. Deste modo, a obra é um chamado à igualdade, à superação de velhas certezas, à busca por um mundo de fato sustentável para todos e todas. Para além da dicotomia entre os pares natureza-cultura e homem-mulher, o livro desliza por diversas áreas do saber para fazer o leitor refletir sobre o que ele vive e questionar o lugar que cabe a cada um no sistema patriarcal, à medida que Terra e todos os seres que nele convivem estão por um fio. Alicia H. Puleo e seu grupo de pesquisa, com esta obra, reforçam: alguns mais por um fio que outros.

Referências

PULEO, Alicia H et al. **Ecologia y Genero en dialogo interdisciplinar**. Valladolid: Plaza y Valdez, 2015.

Data de submissão do artigo: 22/02/2019

Data da decisão editorial: 30/05/2019